

Concepção de velhice em uma instituição espírita (1935-1945)

Carlos Eduardo Marotta Peters
Professor do Centro Universitário Toledo de Araçatuba
Doutor em História Social pela UNESP/Assis-SP (2010)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir acerca das representações da velhice em uma instituição espírita de Penápolis - SP. Para tanto, procura mergulhar no cotidiano da instituição e reconstruir, por meio de seus prontuários, seus discursos e práticas. O Asilo Espírita “Discípulos de Jesus” funcionou entre 1935 e 1945, sendo parte de complexas estratégias de legitimação do movimento espírita local; estratégias essas inseridas num contexto maior de disputa com outras religiões e com o saber médico.

Palavras-chave: Espiritismo; Velhice; Representações Sociais.

Abstract

This work is a reflection upon the representations of old age in a mental institution in Penápolis - SP. We seek to penetrate into the institution daily life and reconstruct its discourses and practices through patients' files. The Discípulos de Jesus Asylum operated between 1935-45 as part of the complex movement of legitimation of the local spiritist movement. Such strategies were part of a larger struggle against other religions and medical knowledge.

Key words: Spiritism; Old Age; Social Representations.

1. O surgimento e a ação social do Asilo Espírita “Discípulos de Jesus”

A partir da década de 1920, a região Noroeste do Estado de São Paulo tornou-se um polo de atração de migrantes e imigrantes devido ao crescimento econômico gerado pela produção cafeeira e ao crescimento urbano nas margens da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Como decorrência, houve um incremento populacional na região, que chegou a

possuir meio milhão de habitantes na década de 1930. Penápolis está localizada entre as cidades de Araçatuba e Lins, situando-se cerca de cinquenta quilômetros de cada uma. A história da cidade inscreve-se, portanto, no contexto da região Noroeste, que se estende de Bauru até a fronteira do Estado do Mato Grosso do Sul.

A ocupação efetiva das terras da região se deu no início do século XX, a partir do processo de extensão da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que gerou um rápido e intenso movimento de colonização, marcado economicamente pela implantação da cultura do café, que se deslocava em busca de novas terras para o plantio. A expansão da cultura do café era agente propulsor da penetração do capitalismo nas regiões novas e atendia a razões de Estado, consolidando as fronteiras territoriais do país, afirmando sua hegemonia frente à Bolívia e ao Paraguai (BORGES, 1997, p. 34).

As notícias acerca da construção da ferrovia, que cortaria a região Noroeste, com início em Bauru, já eram veiculadas em 1904, o que contribuiu para a atração de milhares de pioneiros, pois ao lado da estrada de ferro o espaço era comumente valorizado, facilitando a ocupação e dando início a uma série de cidades. De fato, tais notícias atraíram para os novos campos desbravados toda sorte de indivíduos: agricultores, mascates, serradores, madeireiros, carroceiros, boticários, grileiros, corretores, comerciantes, tropeiros, trabalhadores braçais e até mesmo ladrões, assassinos, prostitutas, mendigos, etc. (BARROS, 1982, p. 12).

A perspectiva de altos lucros com a exploração dessas novas terras deu origem a uma grande procura. Nessa corrida surgiram grandes fazendeiros, médios e pequenos proprietários, buscando a ampliação ou mesmo a fundação de suas plantações de café. A mediação dos negócios envolvendo as terras ficou, na maioria das vezes, nas mãos de especuladores e de companhias colonizadoras, que faziam o loteamento e a venda das terras. Penápolis, assim como outras cidades da região, surgiu dentro dessa lógica. Foi fundada em 1908, como resultado de doação efetuada pelo coronel Manuel Bento da Cruz, que tinha como objetivo valorizar suas propriedades, estrategicamente situadas nas cercanias da futura cidade.

O crescimento da produção cafeeira foi rápido e intenso, juntamente com o crescimento do número de sítios. Já em 1920, a produção de café na região atingiu amplitude significativa. Nesta data somavam-se 722.199 pés de café, com uma produção que correspondia a 3.7 % do total colhido no estado de São Paulo. Seguindo de perto esse ritmo, houve um sensível aumento populacional na região como um todo,

que em 1920 já contava com 13.454 pessoas, número que chegou a 608.027 em 1935, o que a transformou em uma das mais populosas do estado (MILLIET, 1982, p. 22-23).

O povoamento da região pode ser dividido em dois momentos distintos. Até meados da década de 1910 houve um processo que podemos chamar de desbravamento, onde houve participação majoritária do trabalhador nacional. A partir de então, com a consolidação das lavouras, passou a predominar o trabalhador imigrante. A região se tornou, nesse momento, um grande polo captador, tendo recebido $\frac{1}{4}$ da imigração paulista entre 1926 e 1930, ou seja, 62.205 indivíduos. Desse contingente de imigrantes, Penápolis acolheu por volta de 3.783. Tal estatística abrange o período que vai até 1940 (BEOZZO, 1969, p. 777). José Oscar Beozzo, ao analisar o crescimento populacional da região Noroeste, aponta o período 1920-1935 como o que apresentou maior índice de aumento populacional. Tratou-se, segundo ele, de uma avalanche humana de quase meio milhão de pessoas, que se instalaram na região nesse curto espaço de tempo (1969, p. 778). O imigrante estrangeiro, segundo o mesmo autor, representava em 1940, 12,27% do total populacional da Noroeste (1969, p. 780-782).

Obviamente, um aumento populacional tão extremado não poderia ocorrer sem ser acompanhado por uma série de problemas. A pobreza, a mendicância, a prostituição, a criminalidade e também a *loucura* se tornaram os efeitos colaterais do crescimento econômico e urbano. Penápolis, bem como as cidades vizinhas, apresentou tais *problemas*, que foram agravados ainda mais pela conjuntura que se inaugurou a partir da grande crise de 1929, que de diversas maneiras vitimou produtores de café da região, afetando, num efeito cascata, os diversos setores que compunham a economia regional.

O trabalhador rural arruinado, nesse momento, viu-se necessariamente impelido para os centros urbanos na busca de emprego. Nesse contexto, a questão da assistência aos desvalidos passou a preocupar sensivelmente as autoridades locais. A presença constante de mendigos, vadios, prostitutas e mesmo de *loucos* nas ruas das cidades da região tornou-se um problema que passou a requerer formas de controle e contenção. Na cidade de Penápolis em particular, a presença destes indivíduos tornou-se um problema aos olhos das autoridades públicas e de diversos segmentos da sociedade. Além desses *problemas*, outra questão que chamou a atenção das autoridades e da sociedade civil penapolense foi a da velhice. Como resultado da preocupação dos católicos locais com os velhos, foi criado o *Lar Vicentino*.

Neste contexto, diversos mecanismos foram criados para a contenção dos chamados *comportamentos desviantes*. O presente trabalho busca analisar um destes mecanismos, o

Asilo Espírita “Discípulos de Jesus”, fundado em 1935 pelo movimento espírita penapolense, encabeçado pelo líder local, João Marchese. A liderança de Marchese foi caracterizada por uma postura centralizadora, que direcionou o movimento local para a prática assistencialista. A base para tal linha de ação foi a articulação, efetuada por Marchese, de uma leitura particular das obras de Allan Kardec¹ e dos diversos discursos criados no período com a finalidade de normalizar a sociedade. Tal articulação resultou em uma visão de mundo singular, diferenciada das linhas traçadas pela Federação Espírita Brasileira e próxima às concepções de normalidade social desenvolvidas pela medicina social e pela psiquiatria. Ainda que o asilo não tivesse como objetivo lidar com a questão da velhice, os documentos do mesmo nos dão pistas de como os espíritas locais a concebiam e que tipo de associação faziam entre velhice e loucura.

Os marcos temporais do trabalho (1935-1945) foram definidos a partir do período de atuação do asilo. Suas atividades tiveram início em 1935, apesar de os espíritas já executarem trabalhos de recolhimento e recuperação de *desviantes* e assistência a idosos desde fins da década de 1920. Em 1945, o asilo encerrou suas atividades como consequência de um processo movido contra João Marchese por prática de curandeirismo².

A documentação analisada: os prontuários dos pacientes atendidos no asilo, o processo-crime instaurado contra João Marchese em 1944 e diversas matérias publicadas nos jornais de Penápolis acerca da questão da mendicância, da *loucura* e da prostituição, bem como os textos publicados por membros do movimento espírita local, nos mostram a articulação estabelecida no período entre a instituição espírita e as autoridades públicas do município.

A delimitação espacial do nosso objeto é justificada por ser a experiência do Asilo Espírita de Penápolis diferenciada daquelas efetuadas em outras localidades³ e,

¹ As obras de Kardec são consideradas os pilares do espiritismo moderno e foram escritas na França do século XIX, com nítidas influências do positivismo e do magnetismo animal, baseado nas ideias do médico austríaco Franz Anton Mesmer.

² O processo movido contra Marchese, que representa o fim da parceria estabelecida entre o asilo espírita e o Poder Público do município, resultou de uma denúncia efetuada por um Promotor Público, que não via com bons olhos tal articulação. João Marchese, apesar de ter sido considerado culpado ao fim do processo, foi posteriormente anistiado pelo Juiz local, que considerava o trabalho do asilo benéfico para o município. Durante o inquérito, o líder espírita recebeu apoio do Delegado de Polícia e do Prefeito Municipal, que forneceram documentos ao Poder Judiciário atestando a idoneidade de Marchese e a importância da instituição espírita para a sociedade penapolense. Apesar destes esforços, o Asilo Espírita “Discípulos de Jesus” foi obrigado a fechar as portas, até ser submetido ao comando de agentes de saúde credenciados. Em fins da década de 1950, a instituição foi reaberta com o nome Hospital Espírita “Discípulos de Jesus”, já contando com a direção e supervisão de médicos diplomados.

³ A fundação de asilos para o recolhimento de mendigos e *loucos* era prática comum no Espiritismo brasileiro. Contudo, a sintomatologia da *loucura* desenvolvida no âmbito do Asilo Espírita “Discípulos de

principalmente, por divergir das diretrizes traçadas pelas federações espíritas organizadas. Nestes casos, o Espiritismo não procurou incorporar saberes e práticas criados pela medicina social e agentes públicos de saúde. Existiu entre eles até mesmo um conflito, simbolizado pela luta da medicina científica contra as diversas formas existentes de medicina popular.

O movimento espírita penapolense, por sua vez, incorporou o saber desenvolvido pelas diversas experiências adotadas com a finalidade de solucionar o problema social da ociosidade e da *loucura*. Para isto, manteve contatos constantes com o Delegado de Polícia, com o qual articulou um plano de ação conjunta, que incumbia o asilo de abrigar os *loucos* recolhidos pela polícia local, com o médico residente em Penápolis, o Dr. Amir Leite (que atuava como conselheiro de Marchese), com os Prefeitos em exercício entre 1935 e 1945, que forneciam subsídios financeiros ao asilo, e com o Juiz da Comarca, que se tornou um grande incentivador do empreendimento assistencialista espírita.

A base documental do trabalho é composta pelos prontuários de internação do Asilo Espírita “Discípulos de Jesus”, que somam cerca de duas mil páginas manuscritas por João Marchese. A partir de uma análise deste material, estimamos que o número de pessoas atendidas pelo asilo em seus dez anos de funcionamento se aproxima da cifra de 1.500. Dentre esses, pelo menos uma terça parte era considerada velha pelos gestores do asilo. A presença de pessoas velhas na instituição levou necessariamente João Marchese e seus auxiliares a produzirem concepções acerca da velhice e de sua susceptibilidade à loucura. Essas concepções são o foco do presente artigo.

2. Velhice e Espiritismo

A questão da velhice foi discutida por vários autores espíritas em diversos contextos. Segundo Léon Denis (1991, *passim*) se trata de um período da vida em que ocorre a *desmaterialização* do corpo físico que leva a uma *desvitalização* do espírito. A velhice seria, segundo ele, o momento crepuscular da vida, o limite entre dois mundos, o material e o imaterial. Na velhice avançada, de acordo com o autor, a pessoa já parcialmente desprendida da matéria possuiria a capacidade de vislumbrar o mundo do além, mas sem ter muita noção das diferenças entre os dois mundos. A senilidade, nesse caso, não seria uma doença, mas a expressão física e mental desse momento de transição.

Jesus”, bem como o papel desempenhado por ele em parceria com as autoridades públicas de Penápolis, foram fatores que diferenciaram a instituição local.

Não existiriam, segundo boa parte das obras espíritas, doenças degenerativas ou distúrbios emocionais na velhice, mas sim uma preparação natural para a próxima etapa da vida, no grande ciclo de reencarnações. O medo da velhice seria, portanto, infundado, fruto da ignorância de espíritos por demais materialistas e apegados a esse mundo e a essa vida. Chico Xavier, numa obra que diz ter sido ditada pelo espírito de André Luiz (1996, passim) propõe que aqueles que se tornaram *completistas*, ou seja, que viveram a vida na integralidade, da infância à velhice, desperta vitorioso, pleno e feliz no além, pois passou pelas provações da vida com sabedoria e elevação espiritual.

Divaldo Franco, por sua vez, afirma que os males da velhice decorrem de uma visão equivocada da vida. Na juventude, segundo ele, as pessoas transferem o exame dos sentidos da morte para a velhice. Se sentem eternas e se apegam ao mundo material, se negam a envelhecer, utilizando diversos artifícios, como cirurgias plásticas, alimentação, etc. Tentam, portanto, escamotear a morte e, quando ela se aproxima, desenvolvem neuroses, alcoolismo, diversos tipos de vícios e até mesmo tentam o suicídio (1996, passim).

Diversos sites espíritas se debruçam sobre a questão da velhice. A maioria deles, antenados com as inovações da ciência em geral e da gerontologia em particular, afirmam que a velhice não pode mais significar inatividade. A visão de que o idoso, após aposentado, é uma pessoa inativa ou incapaz, seria prejudicial à saúde física e espiritual. A manutenção da sanidade física e mental de uma pessoa dependeria de uma intensa atividade laboral, que cause satisfação e possa ser exercida de acordo com as capacidades de cada um. Nesse sentido, os espíritas contemporâneos participam de um universo mais amplo de valorização da velhice, vista não mais como etapa final da vida, mas como momento a ser vivido em sua plenitude. O trabalho na velhice também contribuiria, de acordo com tal visão, para a evolução espiritual, pois um espírito evoluído jamais descuidaria de suas obras, principalmente aqueles que visam o benefício da humanidade.

Não apenas a velhice aparece tematizada nesses sites. Em boa parte deles, a questão da velhice vem associada a uma definição das etapas da vida de uma pessoa. Todas as etapas, da infância até a velhice, cumpririam funções específicas na evolução espiritual. A infância, que vai do nascimento à puberdade, é vista como momento de transição para o mundo carnal. A adolescência seria a etapa de consolidação e afirmação da identidade individual, período de grande tormento interior e vivência de contradições. A maturidade seria a etapa do equilíbrio físico e emocional. A velhice seria a plenitude de tal maturidade e a preparação para a próxima etapa espiritual. A compreensão dos sentidos

de tais etapas seria necessária para um crescimento físico e espiritual saudável. Por isso, diversos Centros Espíritas desenvolvem atividades visando esclarecer as pessoas acerca das idades da vida. Boa parte deles nega inclusive o uso da palavra velho para nomear o idoso. Velho seria um adjetivo que revela antiguidade, incapacidade, enquanto que o termo idoso, um substantivo, seria mais adequado para se referir às pessoas de idade avançada.

3. Concepção de velhice no Asilo Espírita “Discípulos de Jesus”

A cosmovisão nascida dos escritos de Kardec abarca alguns pressupostos que são fundamentais para o entendimento das ações desenvolvidas pelos movimentos espíritas em geral, e pelo movimento espírita de Penápolis em particular. O primeiro deles é a oposição estabelecida entre o princípio material e o princípio espiritual que comporiam o mundo (que oporia seres materiais e imateriais). Esta dualidade fundamenta-se, segundo o espiritismo, na complementaridade dos dois planos, já que o mundo visível (material) só adquire sentido em função do mundo invisível.

Essa relação de complementaridade (...) se ordena segundo dois eixos, um diacrônico e outro sincrônico. O eixo diacrônico corresponde às passagens de cada Espírito de um mundo para outro, à noção de reencarnação (...). O eixo sincrônico remete à relação entre Espíritos encarnados (...) e Espíritos desencarnados (...) à noção de comunicação espiritual. (CAVALCANTI, 1983, p. 35).

O homem seria possuidor de uma natureza dupla, composta pelo corpo e pela alma, sendo o primeiro um instrumento da ação material do Espírito. Como decorrência desta dualidade, segundo o Espiritismo, todo homem teria sempre um potencial de mediação com o mundo invisível⁴.

Outro princípio presente na doutrina espírita é o de que o mundo e os indivíduos que o compõem (nos dois planos acima descritos) estariam em constante processo de evolução. A criação dos Espíritos por Deus teria feito deles seres imperfeitos e ignorantes que, para alcançarem a perfeição, devem cumprir uma trajetória que evolui da simplicidade e ignorância para a iluminação. E, embora todos eles tenham uma mesma natureza e um mesmo objetivo, cada percurso, cada trajetória de provações e desafios é

⁴ Esta ideia gerou o conceito de mediunidade, que seria a exacerbação de tais capacidades.

única e pessoal. Como podemos perceber, esta diversidade seria a base da diferenciação entre os espíritos (CAVALCANTI, p. 36).

O motor da trajetória espiritual é a relação que o Mundo dos Espíritos estabelece com o Mundo Visível ao longo de sucessivas encarnações. A encarnação (...) idealmente identificada à materialidade e à imperfeição, ocupa lugar decisivo. São a possibilidade de progresso do Espírito. Nelas os Espíritos originariamente iguais diferenciam-se, tornam-se mais ou menos imperfeitos, mais ou menos próximos da perfeição. O mundo invisível é o lugar da produção de uma desigualdade justa. (CAVALCANTI, p. 37).

Nesta trajetória evolutiva, o espírito seria imbuído de dois valores que, à primeira vista, parecem ser contraditórios, o livre arbítrio frente aos desafios do mundo e um caminho pré-determinado, uma missão⁵ a ser cumprida. Existe, portanto, no Espiritismo, uma tendência a considerar a individualidade moral do espírito, inserido, contudo, num mundo gerido por leis divinas imutáveis.

O mérito dos espíritos, segundo o Espiritismo, adviria de seu confronto com os valores associados ao mal. O livre arbítrio atribuiria a eles méritos na aproximação com o Bem e culpa quando tenderiam a aproximarem-se do Mal. A partir desta ideia, a doutrina espírita estabelece o princípio que gere toda a desigualdade existente entre os espíritos, representada em uma escala de gradações que percorre desde o espírito mais material (considerado inferior) até aquele que se apresenta totalmente desmaterializado (considerado superior).

Até alcançarem tal estágio, os espíritos teriam que submeter-se à lei do *carma*, que relega a eles a produção de seu próprio destino. Cada um produziria seu *carma* de acordo com suas ações nas diversas encarnações. Se as ações forem boas, o *carma* será bom; se forem más, o *carma* será ruim. Outra lei imutável que rege a trajetória dos espíritos estabelece, segundo os espíritas, que eles estão sempre em processo de evolução, não podendo nunca regredir a estágios inferiores⁶. Os espíritos poderiam, no máximo, permanecer estacionários por um tempo determinado, até que retomassem por si mesmos sua trajetória evolutiva.

⁵ Termo muito utilizado pelos espíritas brasileiros.

⁶ Ponto este que diferencia o espiritismo de outras religiões que creem em reencarnação, e que proclamam que o carma pode levar o espírito a regredir.

Em linhas gerais, a concepção de velhice produzida no interior do Asilo Espírita “Discípulos de Jesus” não difere daquela apresentada pelos autores espíritas citados anteriormente. A velhice era vista como uma das etapas da vida e também como o momento de transição para o outro plano, uma espécie de preparação para a morte. De acordo com Marchese, principal líder local:

Não há que se temer a morte. A morte é uma etapa de transição para outras vidas. A velhice é a preparação para a transição para o além. É o momento derradeiro de uma vida carnal, mas não o fim definitivo. A velhice deve ser um momento de alegria e espiritualidade e não devemos prestar atenção à decadência do corpo⁷.

Essa mesma concepção de que a velhice não deve ser encarada como o fim definitivo da vida, mas uma preparação para uma próxima etapa, pode ser lida em outro prontuário:

Não se deve temer a velhice. Josias cai em profunda tristeza porque não entende o verdadeiro significado de sua idade, que deve ser de sabedoria e elevação. Está preso demais à sua vida material e não consegue amadurecer como espírito⁸.

O tratamento proposto para casos assim, em que o interno não conseguia lidar adequadamente com a velhice, consistia geralmente em conversas, orações e passes, durante os quais os espíritas tentavam esclarecer a pessoa acerca de sua condição num universo regido pela lei universal do *carma*. A ignorância dessa lei comprometeria não só a velhice nessa vida, mas a escalada do espírito rumo à evolução.

Caso ele insista demais nessa condição de ignorância sobre sua vida, a reencarnação futura pode ser comprometida e o ciclo de sua existência pode ser prolongado. Se ele compreender sua condição, muita dor cármica será diminuída evitada e sua existência será mais plena⁹.

Em outros prontuários, a questão das idades da vida aparece melhor definida, como no trecho que segue:

O homem, durante sua existência terrena passa por várias etapas de vida. As etapas também servem para aperfeiçoar os espíritos, seja por meio de obras que melhorem a vida e iluminem outras pessoas, seja por

⁷ Prontuário de Ana Maria, 1936, p. 3.

⁸ Prontuário de Josias, 1940, p. 1.

⁹ *Ibidem*, p. 3.

meio do estudo, do esclarecimento e da compreensão dos sentidos de todas as coisas. A infância é uma idade que tem como objetivo desenvolver no coração o amor pelos pais, o respeito, apurar o caráter e evitar as influências negativas do mundo. A idade adulta é do amadurecimento dos sentimentos, das correções de percurso, da criação do sentimento de maternidade e paternidade, do fortalecimento do caráter e da responsabilidade. A velhice é o momento da maturidade plena, da sabedoria, da paciência, de todas as virtudes que fogem dos prazeres da carnalidade. Os velhos devem ter a espiritualidade mais purificada, porque a velhice é também transição para outras vidas, é definição para o próximo carma.¹⁰

A Terra, nesse raciocínio, é apresentada como um planeta de espíritos inferiores, em processo de elevação, ou seja, um planeta que dificulta a vivência da velhice, vista por isso como etapa importante no processo de evolução espiritual:

Por que é tão difícil ser velho na Terra? Porque é um planeta de espíritos caídos, pouco evoluídos, que precisam passar dificuldades para poderem evoluir. O velho sofre com a decadência do físico, como o desrespeito dos jovens, com o trabalho extenuante, mas tudo isso gerará bons frutos nas outras encarnações¹¹.

A doutrina espírita, em linhas gerais, apregoa a existência de diversos planetas, possuidores de diferentes graus de evolução (DEL PRIORE, 2014, passim). A Terra é vista como local de expiação, devido à presença de espíritos poucos evoluídos. Espíritos mais evoluídos, por sua vez, encarnariam na Terra para acelerarem seu processo de evolução e ajudarem espíritos inferiores em sua jornada. A crença na existência de mundos mais evoluídos está presente nos documentos do Asilo Espírita “Discípulos de Jesus”.

Se a Terra é um planeta para espíritos pouco evoluídos existem outros planetas mais evoluídos, habitados por espíritos mais puros do que aqueles que aqui habitam. Nesses planetas a evolução é mais rápida porque existe menos carnalidade. Os seres de lá são mais fluidos e muitos se parecem com perispíritos¹².

Em tais planetas, a velhice seria mais branda ou mesmo não existiria, concepção que podemos perceber no trecho a seguir:

¹⁰ Prontuário de José Antônio, 1941, p. 3.

¹¹ Prontuário de Ana Lúcia, 1944, p. 4.

¹² Prontuário de José Almeida, 1937, p. 4.

Se é difícil ser velho na Terra, em outros planos e planetas a velhice é cada vez mais valorizada por ser o momento do ápice de uma vida e a transição para uma etapa mais evoluída. Em planetas mais desenvolvidos que a Terra, muitas vezes nem existe envelhecimento carnal porque a transição se dá sem a morte, só com a mudança de planos de existência¹³.

Em planetas evoluídos, segundo o mesmo raciocínio, a ausência da morte significaria também a quase ausência de dor física, vista como instrumento cármico de purificação desnecessário em planos mais elevados:

Quanto mais evoluído um planeta menos dor sentem seus habitantes. Eles não precisam mais de carnalidade e dor para evolução. Eles evoluem por suas obras, sua iluminação intelectual e estão mais próximos do espírito de Deus do que da carne. Em planos mais elevados não existe infância, idade adulta ou velhice porque os sentimentos já estão todos desenvolvidos¹⁴.

A questão da loucura perpassa boa parte das representações da velhice produzidas no asilo. A principal atividade do Asilo Espírita “Discípulos de Jesus” era o tratamento de pessoas consideradas *loucas*. A *loucura*, de acordo com os documentos da instituição, decorreria da influência de espíritos baixos ou seria a manifestação da própria condição inferior do doente, que ainda não teria passado pelas reencarnações necessárias para sua evolução.

A base para tal visão eram as formulações de Allan Kardec acerca da existência de escalas de evolução da alma. Segundo Kardec, existiriam espíritos avançados, distantes da *carnalidade* e próximos da iluminação, e espíritos baixos, ainda próximos da animalidade. A escala de evolução da alma apresenta a seguinte configuração: 1ª classe (espíritos puros, que não precisam mais reencarnar); 2ª classe (espíritos superiores); 3ª classe (espíritos sábios); 4ª classe (espíritos cultos); 5ª classe (espíritos benevolentes); 6ª classe (espíritos batedores e perturbadores, imperfeitos); 7ª classe (espíritos neutros); 8ª classe (espíritos pseudossábios); 9ª classe (espíritos levianos) e 10ª classe (espíritos impuros).

No interior do esquema acima, a loucura também afetaria diferentemente as pessoas durante a vida. Espíritos impuros e levianos poderiam desenvolver um tipo de loucura agressiva, chamada pelos agentes controladores da instituição de *furiosa*. Espíritos mais evoluídos desenvolveriam outros tipos de loucura. A mais comum era a

¹³ Ibidem, p. 4.

¹⁴ Ibidem, p. 5.

loucura *cármica*, mas também os loucos *obsedados*, influenciados por espíritos impuros eram comuns nas dependências do asilo.

A velhice seria, segundo a visão espírita produzida na instituição, a idade da vida menos suscetível à loucura. No entanto, os documentos analisados mostram a visão de que nem todos os velhos haviam evoluído adequadamente em sua estada na Terra, o que poderia gerar comportamentos que demandariam intervenção médica ou espiritual.

Não saber envelhecer e ter medo da morte era interpretado como distúrbio espiritual que deveria receber tratamento adequado. Pessoas materialistas estariam propensas a tais distúrbios e poderiam até mesmo ser *obsedadas*, ou seja, influenciadas por espíritos maus durante a velhice.

Pessoas que envelhecem mal, que não entendem o ciclo das reencarnações, que ficam presas à matéria podem ficar loucas por diversos motivos. Alguns enlouquecem por medo e outras são facilmente influenciadas por espíritos baixos, sendo obsedadas¹⁵.

Para tais distúrbios, João Marchese aconselhava a leitura de obras espíritas, passes e trabalhos de expulsão do espírito responsável pela influência negativa.

Existem alguns caminhos que temos que adotar no tratamento de casos assim, como ensinar a verdade da vida através do evangelho segundo o espiritismo, desobsedar por meio de passes, rezas e encaminhar a alma para a elevação¹⁶.

Corroborando uma velha crença cristã de que as mulheres estão mais fadadas a influências malignas do que os homens, os espíritas do asilo afirmaram em diversos prontuários a susceptibilidade feminina às obsessões:

As mulheres devem tomar mais cuidado com as obsessões, pois é da natureza de seus espíritos ser mais influenciado por espíritos baixos. As mulheres assim influenciadas não se conformam com aquilo que devem fazer para evoluir nessa vida, com os sentimentos que devem desenvolver para passar para uma nova fase, como o amor materno¹⁷.

A velhice, nessa perspectiva, seria um fator agravante para as mulheres, já que elas não saberiam reagir adequadamente diante da perda de sua beleza juvenil. Essa

¹⁵ Prontuário de Ana, 1944, p. 3.

¹⁶ Ibidem, p. 3.

¹⁷ Ibidem, p. 4.

visão também reforça a imagem da mulher como um ser mais emocional e menos racional do que o homem:

Não é fácil para a mulher envelhecer porque o espírito encarna no sexo feminino para desenvolver certas emoções mais do que a razão. O homem tem como meta desenvolver também emoções, como o amor paterno, mas pela natureza da vida dos homens na Terra, encarnar como sexo masculino tem como objetivo desenvolver a capacidade de pensar e agir racionalmente¹⁸.

A velhice masculina deveria ser racional e serena. Seria a culminância de uma vida dedicada à família e ao trabalho. O não cumprimento dos papéis sociais de provedor e marido levaria, segundo João Marchese, a uma velhice ruim, suscetível à influência de espíritos baixos, imprópria, portanto, para a evolução espiritual:

Um homem que viveu serenamente com sua esposa, que criou os filhos, que se dedicou ao trabalho, mesmo não sendo esclarecido com relação às verdades da existência, terá uma velhice boa, serena, digna de ser vivida, ao contrário daquele que se perdeu no mundo e não se tornou um homem completo¹⁹.

Podemos nomear, num âmbito mais geral, os comportamentos que seriam adequados, na visão dos espíritas do asilo, a uma *boa velhice*. Em primeiro lugar, adequar-se aos imperativos sexuais. Homens e mulheres teriam, segundo a cosmovisão espírita, objetivos diferentes na Terra.

A definição do desvio na conduta feminina, na perspectiva de João Marchese, tinha como referência um padrão de imagem idealizado de mulher, o de boa mãe, filha e esposa, devidamente encarcerada na esfera privada do lar. Neste aspecto, o ponto de vista de Marchese assemelhava-se àquele desenvolvido pelo saber médico-psiquiátrico no período. Maria Clementina Pereira Cunha identifica a mesma postura no interior da classe dos médicos psiquiatras em seu estudo sobre o Hospício do Juquery. Naquela instituição, bem como no asilo espírita, a busca do *estranho*, do *desvio*, no universo feminino, abarcava tudo o que destoava da imagem construída para a mulher (CUNHA, 1986, p. 144). A transgressão ultrapassa os limites das normas sociais, atingindo a própria natureza, que dera destinação definida para a mulher no mundo. O papel social de mãe e esposa seriam os alicerces da condição natural e sagrada da mulher. Assim, os casos mais comuns de loucura feminina geralmente relacionavam-se à sexualidade, independência

¹⁸ Ibidem, p. 4.

¹⁹ Prontuário de Antônio, 1945, p. 2.

exagerada, recusa ao casamento, à maternidade e à família. Ou seja, a recusa ou resistência em diversos graus a permanecer no espaço definido pelos papéis sexuais e sociais previamente estabelecidos.

Assim como o controle da conduta dos homens, que buscava preservar seu papel enquanto provedor do lar, a vigilância e normalização da conduta feminina objetivava preservar a família, mantendo a mulher em sua função de reprodutora e perpetuadora da família. A imposição de um novo imaginário de família, criado pela sociedade burguesa em formação no Brasil das primeiras décadas do século XX, influenciou as práticas disciplinadoras do asilo espírita. O novo modelo de feminilidade, como demonstra Margareth Rago, legava à mulher a função de vigia do lar, que deveria estar a par de todos os fatos cotidianos, prevenindo contra qualquer sinal de doença ou desvio de seus filhos e de seu marido (RAGO, 1987, p. 62). Essa leitura dos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres fora solidificado no século XIX, quando, apoiado na medicina e na biologia, o discurso naturalista separava as duas espécies que comporiam o gênero humano, com qualidades e aptidões próprias:

Aos homens, o cérebro (muito mais importante que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos. (PERROT, 1988, p. 177).

A velhice, portanto, como idade da vida na qual o espírito deveria alcançar sua plenitude, de acordo com os objetivos da vida na Terra, era vista como o momento de confirmação das condutas femininas e masculinas corretas. Só assim, o espírito poderia continuar, em outras vidas, sua escalada evolutiva.

Além da questão sexual, a velhice deveria ser um momento de serenidade, principalmente no que concerne à decadência do corpo físico. Um espírito esclarecido não deveria temer a morte. Por outro lado, ajudar uma pessoa a passar por essa etapa da vida era fundamental para a evolução até mesmo dos jovens. Com base nesse pressuposto, o movimento espírita local lidou com a questão da velhice de diversas formas, com visitas a idosos, tratamentos espirituais, doação de alimentos e remédios, etc.

Referências Bibliográficas

- BARROS, F. R. de. **Penápolis**: história e geografia. Penápolis: Editora do Autor, 1982.
- BEOZZO, J. O. Noroeste Paulista: aspectos demográficos. **Revista de Cultura Vozes**. 63(9), 771-785, set. 1969.
- BORGES, M. S. L. **Terra**: ponto de partida, ponto de chegada. São Paulo: Anita, 1997.
- CAVALCANTI, M. L. V. C. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CUNHA, M. C. P. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DÉNIS, L. **O grande enigma**. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 1991.
- DEL PRIORE, M. **Do outro lado**: a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.
- FRANCO, D. **Plenitude**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1996.
- MILLIET, S. **Roteiro do café e outros ensaios**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.
- PERROT, M. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RAGO, M. **Do cabaret ao lar**: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- XAVIER, C. **Missionários da luz**. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 1996.

Documentos do Asilo Espírita “Discípulos de Jesus”

Processo n. 234 contra João Marchese.

Prontuários de atendimento e acompanhamento.